

Leonilson: O Predestinado.

Maria Lucila Horn* – UDESC

Resumo

O discurso heróico na imagem do artista é construído através da mitologia na relação do discurso ou das narrativas a respeito da figura diferenciada do artista. Os discursos do artista e sobre ele manifestam esforços heróicos, que trazem sentido à história e à cultura, ressaltando também a origem e a missão (o destino pré-desenhado) do artista. Aqui abordamos este discurso na trajetória do artista José Leonilson, a partir da fala da crítica, da mídia e do próprio artista.

Palavras-chaves: Mito – herói – artista

Abstract

The heroic discourse on artist's image is constructed through mythology in relation to discourse, or in narrative regarding the artist's differentiate figure. The discourses of the artist and about him, manifest heroic efforts which bring sense to history and culture, standing out the artist's origin and mission (the sketch of destiny) too. Here this discourse is treated on trajectory of the artist José Leonilson, through the talk about critic, media and the own artist.

Keywords: Myth – hero – artist

De forma geral, existe muito interesse pela infância das grandes personalidades e no caso da figura do artista, pode-se sobrepor as interpretações a respeito dos relatos sobre a vida dos heróis as informações sobre a vida inicial do artista. Residiria nesta face inicial, a chave para encontrar a figura excepcional do futuro artista.

Para Kris e Kurz¹, este interesse parece nascer da aspiração da sociedade em encontrar uma via de acesso a uma figura excepcional ou dotada, o que faz com que praticamente tudo o que é descrito acerca da infância e juventude de alguém que tem direito uma biografia, tenha qualquer relação com a esfera na qual se distinguiu posteriormente. No caso de Leonilson, com a escolha da profissão e com a primeira demonstração de suas capacidades.

Estas tradições conduzem a um duplo papel na figura do artista: o do aprendiz e o do inovador, ambos levando a descoberta do talento.

O que é sublinhado é que o talento do artista já procurava expressão na infância, se revelou cedo, e atraiu a atenção dos outros. É este motivo que constitui repetidas vezes o ponto central de inúmeras variações do tema. O fato de não encontrarmos este tema nas

histórias antigas relacionadas com artistas parece estar intimamente ligado com a sua posição social na Antigüidadeⁱⁱ.

Retomando as características do herói citadas por Brandãoⁱⁱⁱ, tem-se a **Origem** do herói. Uma das etapas da trajetória do herói, relevante para esta abordagem, é a sua origem e seu nascimento, sendo que o herói é, sobretudo, um ser predestinado e que nasce para servir. Na maioria das vezes o nascimento dos heróis é complicado, mas seja assim ou não essa criança vem ao mundo com as virtudes que a caracterizam como herói: predisposições que a fazem diferente e superior ao resto dos mortais. Por isso a mitologia do artista mostra que o talento é manifesto em sua infância. Esta característica pode ser observada em Leonilson a partir dos relatos sobre ele.

Em um texto intitulado “José” encontrado na página do Projeto Leonilson, Ricardo Resende escreve a respeito da precocidade do artista:

José Leonilson, ou simplesmente Zé, Léo ou Leó, dependendo do grau de familiaridade daqueles que conviveram com ele, nasceu em Fortaleza e mudou-se para São Paulo ainda pequeno. **Logo cedo começou seu interesse pela arte.** Passou pela escola Panamericana e depois **entrou no curso de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado, saindo sem terminá-lo** para se tornar um dos grandes expoentes da arte brasileira contemporânea.^{iv}

Leonilson não necessitou de formação acadêmica para ser um expoente, pois já estava determinado a ser um artista por sua **precocidade** e talento.

Tal como o talento do artista foi reconhecido precocemente, a criança artista é reconhecida por uma marca especial. O herói artista é iniciado, e neste processo precisa vencer obstáculos. Esta tradição biográfica corresponde à idéia do artista como uma criança-prodígio que traz com ela características do herói.

A característica biográfica que trata do talento do artista, bem mais racionalista, dificilmente se sustenta em relação às histórias de vida do artista. Pode-se dizer, pois, que o mito do artista não se dá a partir da obra, mas de relatos sobre o próprio artista, ou seja, da construção de uma imagem típica do artista através das anedotas sobre a vida de vários artistas.

Para nós o herói destas anedotas representa o artista típico - *a imagem do artista* que o historiador tinha em mente. Saber se, num ou outro caso particular, são verdadeiras, torna-

se por isso irrelevante. O único fator significativo é que essa anedota é recorrente, que a frequência com que é contada serve para justificar a conclusão de que ela representa a imagem típica do artista.^v

Desta forma a vida do artista é o material essencial da crítica e do reconhecimento de Leonilson, como quando Rosa argumenta que, “existe um efeito de discrição e mesmo de fragilidade que aparece nesse primeiro contato dos olhos com a poesia que Leonilson nos oferece – e que se intensifica para se tornar experiência trágica na medida em que a obra-vida do artista nos toca”^{vi}. A vida do artista nos toca.

A partir de Kris e Kurz^{vii}, pode-se dizer que entre as características heróicas da vida do artista encontramos: i) A relação do herói com a casa paterna, a origem do herói é descrita de uma forma especial. O homem que é elevado a herói renega o pai verdadeiro e o substitui por um mais ilustre. ii) A ascensão social do artista remonta ao tema dos obstáculos que o herói tem de ultrapassar de uma posição social pobre e servil para alcançar seu progresso triunfal, contra todas as adversidades do destino. iii) Pode-se ainda destacar outro tema da mitologia, o de que por vezes os animais atuam como guardiões ou protetores dos heróis. Estas características estão presentes em antigas e recentes biografias, porém, o fato de alguém ser considerado uma criança-prodígio já é, em si, a expressão de um milagre concedido, a expressão de um evento dotado de conteúdo mitológico.

No Ensaio “O Pescador de palavras”, Lisette Lagnado acrescenta algumas influências que determinam a trajetória do artista:

Cada peça foi rigorosamente construída como uma carta para um diário íntimo. Discípulo de um ideal romântico malogrado, Leonilson foi movido pela compulsão de registrar sua interioridade a fim de dedicá-la aos objetos de desejo. Esse legado, enunciado por um “eu” cuja expiação é incessante, reavalia a subjetividade após as experiências conceituais. Isto é, desgastada pela reflexão sobre o destino da arte, que teve a metalinguagem como ápice, a obra volta-se neste momento para o questionamento do destino do sujeito.^{viii}

Ao analisar este trecho do ensaio de Lagnado, poderia-se dizer que está evidente o caráter de predestinação do artista, ou seu **legado** em relação à arte. Pois o artista era movido pela **compulsão** de registrar sua interioridade, além de cumprir um papel fundamental na relação entre arte e sujeito.

Através dos relatos biográficos dos artistas encontrou-se, como definem Kris e Kurz^{ix}, as “células primitivas” da biografia e poderia-se dizer que isto vale para qualquer biografia, mas neste estudo o foco está pautado na imagem do artista Leonilson. A história construiu e transmitiu essa imagem desde que teve origem a imagem do artista. “Os historiadores aprenderam a reconhecer que a anedota, no seu sentido mais lato, raia o domínio do mito e da saga do qual recolhe uma riqueza de material imaginativo que transmite à História escrita”.^x Desta forma, mesmo nas histórias atuais de artistas, como na história de Leonilson, encontrou-se os mesmos temas biográficos que, ao mesmo tempo, coincidem com a trajetória do herói.

A missão e virtuosismo do artista vêm referendados pelo reconhecimento da crítica que enaltece seu trabalho em início de carreira.

Um artista em início de carreira bem referendado por críticos e “marchands” de renome e de uma impressionante vitalidade que se derrama em seus desenhos, guaches e pinturas neo-expressionistas, cuja preocupação maior é tornar simples a própria arte.^{xi}

Lagnado escreve a respeito da relação da obra com a origem do artista, que o artista nasceu no âmbito de uma família católica na cidade de Fortaleza, trazendo na sua formação dois dados necessários para a leitura de sua obra: a cultura nordestina (com a literatura de cordel, o artesanato, as peças de cores vivas, as crenças populares) e a iconografia religiosa, ancorada em fortes valores morais.

Esta ligação da obra com a vida e a forte relação da obra do artista com as origens trazem ainda uma dimensão de valor à obra e ao ser artista, pois o artista transforma o corriqueiro em preciosidade.

Para Jacqueline Lichtenstein^{xii}, a arte por muito tempo teve que se contentar com biografias lendárias (Apeles, Zêuxis), relatos fabulosos (Narciso) e lugares de aparição mais ou menos míticos. A autora está reportando à condição social do artista na Antigüidade, onde o artista é antes de tudo um homem que trabalha com as mãos, em uma atividade que o afasta de qualquer possibilidade de contemplar idéias, portanto, uma atividade sem teoria.

A proximidade com os deuses e heróis que o pintor estabelece por meio da obra não deixa de lhe proporcionar um certo brilho, até mesmo idéias novas. [...] A biografia torna-

se relato, o relato, paradigma, até atingir uma idealidade indiferente a qualquer determinação histórica.^{xiii}

Pode-se dizer, segundo Lichtenstein, que é este conjunto de “lugares-comuns” que torna possível o campo específico da teoria da arte. É através da dimensão mítica que o artista se constrói e que é reconhecido enquanto tal. “Há, portanto, uma espécie de anterioridade do relato mítico em relação à história real, factual, da criação de uma obra, uma anterioridade ideativa do topos”^{xiv}, que estimula, faz nascer e alimenta uma vocação, enquanto Leonilson apenas atualiza as categorias míticas que lhe preexistem.

À primeira vista um leigo poderia classificar como banal a seqüência de pinturas sobre papel e as telas onde o nível artesanal salta aos olhos. Uma apreciação mais demorada revela, contudo, um artista que domina com facilidade várias técnicas a que não se propõe a dizer de uma forma convencional tudo aquilo que subtrai de seu interior.^{xv}

Em um artigo de Fernanda Ezabella para o Índice de Notícias “Diversão e Arte da UOL”, encontrou-se ainda algumas relações da sua infância com seu destino como artista.

Leonilson nasceu em Fortaleza e cresceu no ateliê de costura da família, sendo seu pai dono de lojas de tecidos. Em São Paulo, estudou numa escola de freiras, onde tinha aulas de bordado.^{xvi}

Dentro da mitologia existe uma tendência recorrente a mostrar a casa paterna como um lugar que não dá a idéia de um lar, mas onde o talento se acentua. Os relatos acima revelam que de forma idêntica a de um herói, a infância do artista acentuou seu talento, sendo que a obra plástica de Leonilson caracteriza-se pelo uso de tecidos, linhas, costuras, bordados, de forma que a referência à casa paterna está presente em toda a sua obra.

Esta descoberta do talento do artista é um dos temas mitológicos presentes nas biografias dos artistas e está ligada à ação e destino desta figura. Poderia-se dizer que se trata de uma fórmula biográfica do artista, que valoriza as primeiras ações e realizações do talento e procura demonstrar que o gênio de um artista tenta expressar-se desde a infância. Neste caso, o que interessa não é o que aconteceu na vida deste ou daquele artista, mas a natureza da informação como peça típica de um fundo comum nas biografias.

Em uma matéria da Revista Bravo-Online, por Gisele Kato, encontrou-se novamente referência à família do artista como ponto de partida para a descoberta e o desenvolvimento do talento artístico de Leonilson.

Sua família era dona de uma loja de tecidos em Fortaleza. Os amigos contam que ele carregava para todo lado uma caixa de costura “daquelas bem completas” diz Resende. A caixa está na galeria, junto a bordados que o artista cearense aprendeu a fazer ainda menino, na escola. Leonilson, no entanto, transformou a habilidade em um meio de expressão bastante simbólico, chegando a definir as obras como “orações”.^{xvii}

O itinerário do herói estará atrelado com sua educação, de forma que o herói deverá seguir outros caminhos e desprender-se da casa paterna em busca de sua formação iniciática. O talento é inato, precoce, recebido como presente, pois não há antecedentes relacionados às artes em sua família, porém o herói artista passa por processos iniciáticos que o constituem como artista. Em cronologia feita por Regina Teixeira de Barros há as primeiras indicações da iniciação do artista:

1977 - Ingressa no curso de licenciatura em Educação Artística na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde é aluno dos artistas Nelson Leirner, Júlio Plaza e Regina Silveira.

Divide ateliê na Vila Previdência (São Paulo) com o artista Luiz Zerbini. Vê pela Primeira vez reproduções de obras de Eva Hesse.

1980 - Abandona a Faap.

Frequenta a escola de artes Aster (1978-1981), onde reencontra os professores Julio Plaza e Regina Silveira, e tem aulas de aquarela com o professor convidado Dudi Maia Rosa.^{xviii}

Em entrevista a Lagnado, o artista relata suas escolhas e suas iniciações, algumas citadas acima na cronologia. Segue trecho da entrevista:

- *O surgimento dos bordados é contemporâneo da exposição do Bispo. Ela foi determinante para você?*

- A exposição do Bispo? Foi. Mas minha **mãe bordando em casa diariamente também.**^{xix}

Destaca-se, neste ponto a **valorização da origem**, que pode ser entendida como heróica através da contextualização histórica e sociológica. Na trajetória do artista, esta informação é complementada com tantas outras situações míticas, porém o destino já está traçado.

Adiante esta informação é complementada com as referências a viagens citadas pelo artista.

- *A introdução da costura, mesclando vida pessoal e recurso estético, remete ao Bispo que costurava fragmentos de sua própria experiência.*

- **Mas antes disso tudo, em 1987 talvez, fui para Nova York e via uma exposição sobre o design dos Shakers. Eles bordavam a história da igreja. Bordam tudo, os calendários, os livros das crianças. É uma coisa fabulosa.**^{xx}

No decorrer da entrevista concedida a Lagnado, além das referências a viagens, o artista assinala várias questões do seu pensamento sobre a arte e a influência que outros artistas tiveram em seu processo, como é o caso de Eva Hesse, uma de suas referências, e do próprio Arthur Bispo do Rosário:

Quando vi a exposição do Bispo no Museu de arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, fiquei fascinado. Mas ver uma exposição do Bispo é como ver uma exposição de Andy Warhol. Ele é um pop. Não consigo vê-lo como louco. Vejo o Bispo como uma pessoa normal, só que ele tinha uma história com ele que as pessoas não conseguem entender direito. [...] Às vezes fico apaixonado só por uma foto. Sei que é meio maluco, mas é legal. É por isso que eu brinco tanto a respeito da maluquice do Bispo, por que acho que tenho coisas muito parecidas.^{xxi}

O herói é figura diferenciada: neste sentido Leonilson cita Bispo, fazendo referência às particularidades deste artista, levantando como ele próprio disse, suas extravagâncias, o que o diferencia de um grande número de artistas atrelados ao sistema oficial das artes. Pois o herói vai buscar algo que lhe falta, atendendo ao chamado do destino, para tanto passará por provações, ritos. O herói seguirá e ultrapassará seus mestres. A referência a Bispo do Rosário se faz bastante significativa por trazer outra característica heróica, a insanidade, posto que este artista, citado por Leonilson, era tido como louco.

Como foi apresentado a partir da cronologia, Leonilson desiste da carreira acadêmica e segue outros caminhos. “A irreverente leveza que acompanha as afirmações de Leonilson indica algo além do raciocínio simples e imediato. Como o discurso intelectual era, para ele, incompleto, construiu seu campo cognitivo a partir do empírico - uma ousadia que soprou como um vento profano”.^{xxii} Leonilson é pré-destinado a ser artista.

Ele não fez cursos normais para ser artista. Lembra-se apenas de ter tido um professor de desenho na adolescência e que ganha sempre aquarelas e tintas de presente na época do natal. “Meu professor levava a gente para um porão e, as vezes, ficávamos horas e horas sem dizer ou fazer nada”.^{xxiii}

Para Vargas, ser artista não se ensina, o que se ensina são as sintaxes, as gramáticas e as histórias e não os conteúdos, esses são impossíveis de serem ensinados.

A revelação é um aumento do Ser, uma agregação, um marco que divide o observador em um antes e um depois do encontro com a obra. E é a relevância deste conteúdo, para o Ser e para o Mundo, juntamente com a qualidade da gramática utilizada para dizer isto ou aquilo, que irão determinar o reconhecimento da prática (de pintar, escrever, ou compor) como uma **prática de valor**. [...] Em outras palavras, reconhece como VERDADES e as verdades para a psique são “sagradas” porque revelam o mistério tornando compreensível a incompreensão do mundo.^{xxiv}

Nesse sentido atua a identificação da obra de arte e do artista enquanto figura diferenciada. Desta forma, Leonilson é declarado pela crítica como um **artista de estilo próprio** que **fala do mundo**, do dia a dia e que traz no acaso aparente o seu pensamento sobre o mundo.

Leonilson teve e tem no seu reconhecimento como artista, as marcas da trajetória heróica e sua pré-destinação em ser artista está explícita e implicitamente colocada a partir do texto cultural, nas falas dos colunistas, jornalistas, dos críticos, dos amigos, da família e do próprio artista.

ⁱ KRIS e KURZ, 1988. p. 26.

ⁱⁱ Ibid, p. 35

ⁱⁱⁱ BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 1995. Vol. III

^{iv} RESENDE, Ricardo. José. Disponível em: <http://www.projetoleonilson.com.br/textos.php?pid=7> acesso em 3 de agosto de 2005.

^v KRIS e KURZ, op. cit, 23

^{vi} ROSA, Victor da. Distâncias entre dois pontos - (anotações para Leonilson). Disponível em: www.literaturamenor.blogspot.com.br. Originalmente publicado no Caderno10, do jornal A Notícia, no dia 06 de outubro de 2006.

^{vii} KRIS e KURZ, op. cit, 40-41.

^{viii} LAGNADO, p. 27

^{ix} KRIS e KURZ, op. cit, p. 23.

^x Ibid, p. 23.

^{xi} ALBUQUERQUE, Nonato. Leonilson: a linguagem simples ganha maior importância na arte. Jornal DN, Fortaleza, Ceará, 01 de dez. 1984.

^{xii} LICHTENSTEIN, p. 17 a 24.

^{xiii} Ibid, p. 18

^{xiv} Para a autora, o que se deve entender por *topos* é um lugar-comum, é uma proposição, uma fonte de argumento, que pode ser uma idéia, um relato mitológico, um lugar de origem. Uma rede que nunca deixou de ser reativada, reinterpretada e repetida pelos textos ou pelos protagonistas da história da arte.

^{xv} ALBUQUERQUE, op. cit.

^{xvi} EZABELLA, Fernanda. Mostra traz trabalhos inéditos de Leonilson, morto há 10 anos. Disponível em: <http://www.uol.com.br/diversão/reuters/ult26u13234.shl> Acesso em 17 de agosto de 2005.

^{xvii} KATO, Gisele. Entre bordados e costuras. Disponível em:

<http://www.bravonline.com.br/noticias.php?id=557> Acesso em 24 de agosto de 2005.

^{xviii} BARROS, Regina Teixeira de. Cronologia. In: LAGNADO, Lisette. São tantas as verdades. Leonilson. São Paulo: DBAM, 1998. P. 199

^{xix} LAGNADO, op. cit, p. 85.

^{xx} Ibid, p. 85-86

^{xxi} Ibid, p.86-87

^{xxii} Ibid, p. 79

^{xxiii} BATISTA, Doca. A 'brain storm' de um artista. A gazeta, Vitória, Espírito Santo, 26 mar. 1987.

^{xxiv} VARGAS, 2004/2005, p. 20.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Nonato. Leonilson: a linguagem simples ganha maior importância na arte. Jornal DN, Fortaleza, Ceará, 01 de dez. 1984.

BATISTA, Doca. A 'brain storm' de um artista. A gazeta, Vitória, Espírito Santo, 26 mar.1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 1995. Vol. III

EZABELLA, Fernanda. Mostra traz trabalhos inéditos de Leonilson, morto há 10 anos. Disponível em: <http://www.uol.com.br/diversão/reuters/ult26u13234.shl> Acesso em 17 de agosto de 2005.

LAGNADO, Lisette. São tantas as verdades. Leonilson. São Paulo: DBA Artes Gráficas, Melhoramentos, 1998.

LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). A pintura: o mito da pintura. São Paulo: Ed. 34, 2004.(Vol. I).

KATO, Gisele. Entre bordados e costuras. Disponível em: <http://www.bravonline.com.br/noticias.php?id=557> Acesso em 24 de agosto de 2005.

KRIS, Ernst; KURZ, Otto. Lenda, mito e magia na imagem do artista – uma experiência histórica. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

RESENDE, Ricardo. José. Disponível em: <http://www.projetoleonilson.com.br/textos.php?pid=7> Acesso em 3 de agosto de 2005.

ROSA, Victor da. Distâncias entre dois pontos - (anotações para Leonilson). Disponível em: www.literaturamenor.blogspot.com.br. Originalmente publicado no Caderno10, do jornal A Notícia, no dia 06 de outubro de 2006.

VARGAS, Antônio. Do valor da prática a prática de valor. Ponto de Vista. Florianópolis, SC, n. 6/7, Editora da UFSC, 2004/2005.

* Maria Lucila Horn – Licenciada em Artes Plásticas; pós-graduada em Pintura e Especialista em Artes e Ciências Humanas; Mestre em Educação e Cultura FAED/UEDESC.

Atua como Professora da Equipe de Educação Infantil do Curso de Pedagogia EAD do CEAD/UDESC.